

Sociedade pode cobrar mais qualidade

Educadora afirma não haver risco de se criar ilhas de excelência no sistema

Rachel Namo Cury, a educadora que criou, na Secretaria da Educação de São Paulo, o programa Escola em Parceria diz que "quando a sociedade está dentro da escola, pode cobrar mais qualidade". No entanto, resalta que o sistema de gestão deve-ria ser modificado para aproveitar melhor as parcerias. "As escolas precisam ser autônomas", afirma.

O caminho da autonomia esbarra na atuação das Associações de Pais e Mestres (APMs). O Ministério da Educação criou o programa Dinheiro na Escola para que as APMs recebessem mais rapidamente os recursos repassados pelo governo federal. Das 129,6 mil escolas cadastradas no programa, apenas 42% contam com associação. Sem as APMs, o dinheiro vai para a prefeitura e cai nas malhas da burocracia governamental. "Os pais deveriam estar mais envolvidos com a escola", diz Rachel.

Exemplo da importância da pre-sença dos pais no processo educati-vo é a ausência das APMs no Nor-te e o baixo rendimento dos alunos, que apresentam os piores indicado-res educacionais do País. Até o ano passado, apenas 15% das escolas ti-nham APM, índice comparado à

média nacional de 33,8%.

Rachel nega a existência de ilhas de excelência na rede pública de São Paulo. Diz que, ao acabar com o programa Escola Padrão, que privilegiava poucas escolas, a Se-cretaria passou a distribuir, de for-ma equitativa pela rede, profissio-nais e formas de gestão concentra-dos no antigo projeto. As escolas passaram a ter coordenadores pe-dagógicos e a receber material e re-cursos para executar pequenas re-formas.

A dona de casa Viviane Pontes, moradora do Ta-tuapé, zona leste de São Paulo, faz parte da APM da Escola Estadual João Borges. A es-cola recebeu cinco microcomputado-res. A APM finan-ciou a reforma da sala para abrigar as máquinas, que

serviriam aos 2.066 mil alunos. O equipamento quase não é usado porque, segundo Viviane, faltam profissionais.

Vaias – Ricardo Pontes, de 12 anos, filho de Viviane e aluno da 7.ª série, diz que sua turma fez ativi-dades uma única vez no laborató-rio de ciências e, naquela escola, ati-vidade extraclasses resume-se a "jo-gar bola na quadra". Resultado: no dia 19 de agosto, durante o 4.º En-

contro da Comunidade, os pais e alunos das escolas estaduais do Ta-tuapé comportaram-se como alu-nos indisciplinados e começaram a rir e a vaiar os representantes da Secretaria da Educação. Agora, a APM da João Borges está batendo na porta dos comerciantes da re-gião para que "adotem" a escola.

A indústria de cosméticos Natu-ra criou uma linha de produtos vendidos nacionalmente, por 200 mil consultoras, para financiar pro-jetos educativos em parceria com a fundação Abrinq. O resultado é que até hoje foram ex-ecutados 57 pro-jetos com a parti-cipação de 147 mil crianças.

Hoje, em São Paulo, além dos pro-jetos de parce-ria firmados por meio do gabinete da Secretaria da Educa-ção – que en-

volvem grandes empresas, como Motorola, Fiat, Porto Seguro Segu-ros e Pizza Hut –, as delegacias de ensino estão estabelecendo parce-rias, por conta própria, com a co-munidade que cerca a escola.

Pedro Jacobi, pesquisador de ges-tão escolar da USP, é favorável a iniciativas que "reforcem econo-micamente a condição das esco-las". Mas, em sua opinião, "o Esta-do deve regular essas parcerias". (G.A.)

**ESCOLA DO
TATUAPÉ
QUER SER
ADOTADA**